

# A DIVERSIDADE DE RELAÇÕES CIDADE-CAMPO: O CASO DAS TERMAS DE LONGROIVA (NE PORTUGAL)

**Pina, Helena** <sup>1\*</sup>; **Martins, Felisbela** <sup>2</sup>

<sup>1\*</sup> CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto; helenapina@netcabo.pt

<sup>2</sup> CEGOT, felisbela.martins@gmail.com

**Resumo:** Com este estudo sobre as termas e Spa de Longroiva, localizadas no Nordeste de Portugal, outrora vocacionadas para a atividade medicinal e hoje direcionadas para o lazer e o bem-estar, pretendemos evidenciar as relações cidade-campo. Adotamos uma metodologia que conjuga uma pesquisa e análise de documentação bibliográfica, estatística e cartográfica com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a diversos agentes interventivos no desenvolvimento local, aqúistas e frequentadores do spa. A renovação e requalificação destas instalações termais, às quais se anexa um Eco-Hotel, alicerçam a revitalização de um espaço rural antes em declínio.

**Palavras-chave:** Turismo de saúde e bem-estar; revitalização termal; Longroiva; conexões urbano-rural; desenvolvimento territorial

**Abstract:** With this study of the thermal waters and spa in Longroiva, in the Northeast of Portugal, which were formerly dedicated to medicinal activities and are now directed towards leisure and well-being, we intend to highlight the city-countryside relationships. We adopted a methodology that combines research and analysis of bibliographic, statistical and cartographic documentation with the application of semi-structured interviews to people involved in local development and clients of the spa and thermal baths. The renovation and requalification of these thermal facilities, to which an Eco-Hotel is attached, underpin the revitalization of a rural space that was in decline

**Keywords:** Health and wellness tourism; thermal revitalization; Longroiva; urban-rural connections; territorial development

## 1. Introdução

As relações cidade-campo são históricas e visualizam-se através de atividades e fluxos associados à produção e comércio dos produtos agrícolas (Berger, 2017; Westlung, 2017), mas também através de outras atividades que se geram e que conectam estes territórios com os restantes. Revitalizando atividades interdependentes das potencialidades endógenas, geram-se mais valias para os residentes que lhes permitem a sua sobrevivência e incrementam as referidas ligações com os territórios envolventes, nomeadamente com os meios urbanos (Calway, 2012). Todavia, e independentemente do potencial destes espaços rurais, as alterações nessas relações sucedem-se, fruto de melhores acessibilidades, de fluxos demográficos ou mesmo do mundo digital (Woods, 2011). Incluem-se nestas dinâmicas, múltiplos agentes, públicos e privados, locais, regionais, nacionais ou mesmo internacionais.

Neste contexto, deve-se observar o meio rural, na sua modernização/preservação, de forma holística e responsável, que inclua as potencialidades endógenas para além das agrícolas. É o caso das atividades termais (Pina, 2018). Na verdade, estas atividades também refletem as relações cidade-campo, em mutação ao longo dos tempos, já que a anterior atividade medicinal, curativa, se moderniza, anexando-lhe o lazer e o bem-estar, cada vez mais solicitados pelos urbanos como antídoto ao seu modo de vida stressante.

Os antigos balneários termais têm vindo a ser transformados estrutural e funcionalmente,

adicionando aos tratamentos curativos tradicionais, os Spa e outras infraestruturas de lazer e bem-estar. Simultaneamente, (re)surgem outras atividades (Mathieu, 2017) que resultam da difusão dos produtos agrícolas autóctones, biológicos, junto dos aquistas e dos membros da diáspora, ou integrados na ementa dos restaurantes instalados nas unidades hoteleiras locais.

Tal como defenderam Berger (2017) e Westlund (2017), as relações urbano-rural são polifacetadas e as atividades não agrícolas, como as termas, favorecem a revitalização de espaços antes em declínio, bem como as (re)conexões entre os seus autóctones, mas sobretudo, com o mundo urbano, o principal utilizador destas estruturas. Assim, procuraremos demonstrar como as Termas e Spa de Longroiva, localizadas no NE de Portugal, são um caso exemplificativo de novas relações entre a cidade e o campo.

## 2. Métodos

Como verificamos, entre a cidade e o campo regista-se uma multiplicidade de relações e neste estudo de caso tentamos realçar possíveis potencialidades locais da freguesia de Longroiva que emergem do (re)surgimento das atividades termas e do lazer e bem-estar. Privilegiamos as questões relacionadas com as termas e o Spa, apostando numa nova abordagem dos espaços rurais e suas interligações com os núcleos urbanos, geradores de um novo paradigma onde a saúde se conjuga com o bem-estar, mas também com a preservação da paisagem e das especificidades locais, o que facilita a revitalização destes territórios.

Por isso, adotamos uma metodologia que conjuga uma pesquisa documental e respetiva análise crítica (documentação bibliográfica, estatística e cartográfica), a que adicionamos a consulta de sites das entidades responsáveis pelo desenvolvimento regional e, de modo particular, pelas dinâmicas agrícolas, turísticas e termas. Seguiu-se um amplo trabalho de campo que implicou a realização de entrevistas semiestruturadas aplicadas a diversos agentes com capacidade interventiva no desenvolvimento dos espaços em análise, (públicos e privados, incluindo a população local), mas também aos frequentadores das termas, do Spa e demais turistas. Assim obtivemos uma visão dinâmica de Longroiva.

## 3. Longroiva e as suas Termas e Spa nas relações cidade / campo

### 3.1. Breves notas de enquadramento

Com apenas 41,22 Km<sup>2</sup>, a freguesia de Longroiva (Figura.1) integra-se no concelho da Meda e faz parte da Região Demarcada do Douro (RDD). Em solo xistoso, produzem-se vinhos de renome internacional, azeite de excelência e, nas pequenas hortas e espaços não direcionados à produção vitícola, produtos hortícolas biológicos.



Figura. 1 – Localização das Termas de Longroiva. Fonte: Pina, H. (2013)

Do ponto de vista do património histórico, em Longroiva existem vestígios que recuam ao período romano (a sua ponte), ao período medieval (a Igreja Matriz, o Pelourinho e o Castelo), entre outros (Rodrigues, 2002). O património paisagístico, arquitetónico, gastronómico e cultural, são também riquíssimos ( Figura. 2) (Pina, 2017, 2018).

Apesar das potencialidades, os obstáculos ao seu desenvolvimento persistem, em especial a partir dos anos cinquenta do século passado, como declínio sociodemográfico, a que acresce o envelhecimento estrutural dos residentes. Para percebermos melhor o cenário local, refere-se que, em 1900, Longroiva albergava 724 habitantes, na sequência da dinamização das termas e das atividades agrícolas, atingindo o seu auge em 1940, quando se registaram 1261 habitantes. Desde então, seguiu-se uma recessão demográfica, particularmente notória desde os anos 60 do século XX, na sequência dos fluxos migratórios para o litoral português e para o espaço europeu. Em 2011 apenas persistiam 286 residentes enquanto em 2021 eram 218 (abrandou o declínio).

Aos obstáculos ao desenvolvimento focados, acresce a descapitalização dos pequenos vitivicultores, de cariz familiar que dominam a estrutura económica local, a deficiente estrutura fundiária das explorações agrícolas, a escassa mecanização e a débil formação técnica dos agricultores (Pina, 2013).



Figura 2 – Longroiva: o Castelo, a Igreja Matriz e o Pelourinho. Fonte: J.F. Longroiva

Numa tentativa de reverter estas tendências recessivas, na freguesia apostou-se na reestruturação e mecanização dos vinhedos, em vinhos de qualidade que incluem os licorosos e os DOC regionais, enquanto se dinamizou a vertente turística. Assim surgiram unidades de turismo em espaço rural (Pina & Queiroz, 2017), enquanto se redescobre e se recupera o património histórico. Criam-se ainda trilhos temáticos e surgem outras iniciativas no sentido de reverter efetivamente o declínio demográfico e revitalizar o setor vitícola (Pina e Teixeira, 2017), o sustentáculo económico de Longroiva.

### 3.2. As atividades termais: alguns aspetos evolutivos

Embora fulcrais, as iniciativas referidas anteriormente são insuficientes, surgindo os recursos termais como outra atividade promotora do desenvolvimento local. Antes subalternizadas, as estâncias termais estavam associadas aos atos médicos e terapêuticos, mas a necessidade de dinamizar estes espaços e a pressão dos turistas urbanos, reunidos aos membros da diáspora, implicou a modernização destes equipamentos e a flexibilização dos atos médicos ligados ao lazer e à prevenção da doença e, cada vez mais, a aquisição de bem-estar físico e psíquico. Alterou-se o anterior paradigma, surgindo o turismo de saúde e bem-estar como uma componente do desenvolvimento territorial, de revitalização de espaços rurais.

O turismo de saúde e bem-estar assenta em quatro pilares fundamentais (médico, termal, bem-estar e sénior) e, de facto, pode corresponder a um dos motores do desenvolvimento regional. Para a sua implementação, exigem-se recursos humanos, estruturais e logísticos de qualidade que se

encontram bem definidos, legal e medicamente, na legislação em vigor.

Não sendo consensual a definição de Turismo de Saúde e Bem-estar, no Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), foi considerado como produto estratégico, agregando o “Turismo de Saúde” a componente médica, o termalismo, o spa e a talassoterapia. Assim se revitalizaram as águas termais de Longroiva.

#### 4. Termas de Longroiva: passado e presente

Freguesia implantada no contexto xisto-grauváquico dúrico-beirão insere-se num espaço geomorfológico muito complexo onde emergem águas minerais e de nascente, relacionadas com acidentes tectónicos como a falha de Manteigas-Vilariça-Bragança (Lourenço, 2017). Surgem as águas sulfúreas, sódicas, bicarbonatadas e fluoretadas que encontramos na região duriense e, neste caso, em Longroiva.

Águas milenares, desde os primeiros reinados a Ordem dos Templários foi proprietária das de Longroiva, transitando no tempo de D. Dinis (século XIII) para a Ordem de Cristo (Rodrigues, 2002). Não obstante, só foram reconhecidas oficialmente no século XVIII, sendo indicadas para o tratamento e prevenção de problemas músculo-esquelético, reumáticos, respiratórios e dermatológicos. Nestas circunstâncias, surgiram instalações elementares, transformadas no século XX num balneário sob exploração pública.

Os registos demonstram a evolução que esta estrutura termal sofreu ao longo dos tempos, sobretudo nas últimas décadas, como foi corroborado pelos anteriores responsáveis pelo balneário. Instaladas num edifício de dois pisos (Figura. 3), o serviço de banhos medicinais realizava-se no piso térreo, ultrapassando os 300 banhos diários no início do terceiro milénio. Nesta época, os aquistas eram residentes locais ou da região, conhecedores dos poderes curativos destas águas, maioritariamente agricultores e seus familiares, ou, desde os anos oitenta, também os seus descendentes instalados nos grandes núcleos urbanos, que usufruíam dos banhos termais. Aqueles que não possuíam raízes familiares na freguesia, alugavam quartos em casas particulares ou instalavam-se no piso superior do edifício termal, compartimentado para acolher os aquistas. O quadro laboral, sazonal, era constituído por 3 ou 4 trabalhadores locais, a que se anexava o médico e os responsáveis.

Na sequência da anulação dos subsídios oficiais que os aquistas recebiam, durante a crise económica de 2008, a generalidade das Termas/Balneários Termais, entrou em decadência, chegando as termas de Longroiva a encerrar.



Figura 3 – O antigo edifício das Termas (1999) e o Hotel Rural de Longroiva e as Termas. Fonte: Hotel Rural Longroiva

Havia que alterar esta situação e tal surgiu adicionando a juventude e empreendedorismo do presidente da Junta de Freguesia, conhecedor e entusiasta da história e património local, a investimentos privados no Hotel Rural de Longroiva e nas Termas. Este investimento foi concessionado à “Natura Empreendimentos S.A.”. Com 44 quartos, tem um enquadramento que conjuga a ruralidade com a tradição, em perfeita sintonia com a paisagem, já que as estruturas termais atraem muitos visitantes, turistas e dos aquistas. Assim se transformou o antigo balneário gerido pela Junta de Freguesia e aberto apenas entre maio e outubro, nas Termas de Longroiva – Spa e Hotel, um ECO-HOTEL com aquecimento térmico próprio e utilização de madeiras na construção e decoração. Emprega cerca de 50 trabalhadores, jovens e com formação, alguns dos quais locais. Encontram-se abertos durante todo o ano, embora atingindo o seu auge no verão.

Resta acrescentar que, desde 2013, acelerou a afluência de turistas provenientes das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, mas também das capitais distritais próximas e do norte e centro do país. Correspondem, na maioria, a casais jovens ou adultos (25 a 50 anos), com formação superior, da classe média ou média/alta. A este grupo reúnem-se os emigrantes que visitam os familiares e disfrutam das infraestruturas existentes. Estes possuem idades mais avançadas (50 a 70 anos) e privilegiam os habituais tratamentos termais preventivos. Por último, há que referenciar os estrangeiros, maioritariamente espanhóis, com um perfil muito idêntico aos turistas portugueses provenientes das áreas metropolitanas.

Entretanto, revitaliza-se também o comércio de produtos locais, com realce para os vinhos, azeite e frutas, assim como as festas a Nossa Senhora do Torrão e os percursos pedestres temáticos.

#### 4. Conclusão

Embora Longroiva se integre na Região Demarcada do Douro e possua águas termais, sendo uma freguesia rural periférica, desde os anos sessenta do século XX entrou em declínio em termos demográficos e económicos. Degrada-se também o seu património histórico e cultural, aspetos atenuados durante o período termal. Na sequência da interrupção dos subsídios oficiais atribuídos aos tratamentos médicos termais e à falta de manutenção das estruturas, além da alteração dos normativos legais que obrigavam a transformações vultuosas, o edifício termal encerrou. Estávamos no início do terceiro milénio.

Havia que alterar este cenário, dado o potencial das Terma e Spa para o desenvolvimento local e regional. Neste contexto, após intervenção municipal modernizando as instalações termais e anexando-lhe agora um ECO-HOTEL adjudicado à iniciativa privada, constitui-se, desde 2013, um polo de turismo de Saúde e Bem-Estar apelativo e moderno.

Assim se fideliza a diáspora portuguesa e a população regional, para além da *stressada* população urbana (Berger, 2017) e outros estratos, nomeadamente os estrangeiros, sobretudo espanhóis, dada a proximidade à fronteira e a nítida melhoria das acessibilidades. Em simultâneo, revitaliza-se o comércio dos produtos agrícolas locais e outras atividades associadas aos turistas e frequentadores do Spa, em busca de algo que mitigue o stress diário e favoreça uma alimentação biológica, mantendo os sistemas agro-alimentares tradicionais enquanto aumenta o rendimento dos agricultores locais (Pina, 2017, 2018).

Acrescem iniciativas mais estruturadas e capitalizadas, como o turismo em espaço rural, entrando no circuito novos atores associados à produção de vinhos e azeites biológicos que vendem aos frequentadores do Spa. São novas interligações entre produtores locais e consumidores urbanos e que corresponde a outro meio para revitalizar Longroiva.

O apoio do poder político local também não se pode negligenciar (Mathieu, 2017), divulgando e potenciando o património local (trilhos temáticos, períodos festivos, etc.), para além do termalismo e do turismo de bem-estar. Felizmente, consolida-se uma nova abordagem dos espaços rurais e a suas conexões com os núcleos urbanos, onde a saúde se conjuga com o bem-estar, favorecendo a revitalização destes territórios. Nestas circunstâncias, reduz-se também a sazonalidade turística em Longroiva e, obviamente, na Região Demarcada do Douro (Pina et. al, 2020).

#### Bibliografia

- Berger, M., Chaléard, J.L. (2017). *Villes et campagnes en relations, regards croisés Nord-Sud*. L'Harmattan, 299 p.
- Calway, M. (2012). Networks and Networking in Rural Tourism: Irish Evidence, in *Changing Rural Spaces, Horizon in Geography*, University of Haifa, vol. 81-82, 69-82, Israel.
- Lourenço, C. (2017). Classificação das Águas Minerais Naturais e de Nascente engarrafadas na Região Norte, in Cortez (org.) *Águas Minerais Naturais e de Nascente na Região Norte*, Mare Liberum, Aveiro, 33-48.
- Mathieu N. (2017). *Les relations Villes Campagnes. Histoire d'une question politique et scientifique*. L'Harmattan, Paris.

- Pina, H. (2013). The Rural population of the Douro region (Portugal): a problematic situation”, in “Geographical Sciences and Education”, Conference Proceedings, Dermendzhieva, S. et. al (eds.), Konstantin Prelavsky University of Shumen, Shumen.
- Pina, H. (2017) A crise económica na Região Demarcada do Douro: algumas estratégias de sobrevivência e dinamização no setor turístico”, in “The Overarching Issues of the European Space - Society, Economy and Heritage in a Context of Greater Territorial Cohesion”, Pina, H. and Martins, F. (Eds), FLUP, Porto, pp. 21-229
- Pina, H., Teixeira, P. (2017). Le territoire, l’innovation et la tradition, triptyque essentiel pour le développement de la région du Douro”, in “Les campagnes européennes:espaces d’innovations dans un monde Urbain”, Margetic, C. et. al (dir.), Presses Universitaires du Midi, Toulouse, p.67- 87.
- Pina, H., Queiroz, J. (2017). Rural Tourism and the development of the Douro Demarcated Region (NE Portugal): a strategy to promote”, in Proceedings "Le viticulture estreme: valori, bellezze, alleanze, fragilità/Extreme viticulture: values, beauties, alliances, vulnerabilities”, CERVIM, Conegliano, Veneto – Italia, p. 140-149.
- Pina, H. (2018). The Douro landscape heritage (NE Portugal): modernity and tradition in times of change, *Miscellanea Geographica Regional Studies on Development* Vol. 22 N°. 2 p. 81-89.
- Pina et al. (2020). Seasonality in tourism: trends and good practices in Rio de Janeiro, Shumen and The Douro Demarcated Region, *Socio Brains*, University of Shumen, Issue 70, 81-90.
- Rodrigues, A. (2002) Terras da Mêda – natureza, cultura e património, Câmara Municipal da Meda.
- Westlund, H. (2017). *Urban-rural relations in the post-urban world*. In *The Post-Urban World*. Routledge, pp. 70-81.
- Woods, M. (2011). *Rural*, London, Routledge.